

# Chacel: preços e salários estão distorcidos

LÉA CRISTINA

Os preços relativos apresentam, no momento, desequilíbrios significativos e o Governo deve considerar caso a caso, ao tentar corrigir estas distorções. O alerta é do Diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Julian Chacel, que há poucos dias, como forma de ajudar o Governo nas negociações das câmaras setoriais, enviou um estudo sobre este desequilíbrio ao Ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira.

Outro alerta de Chacel diz respeito à origem destes desequilíbrios, em que também se incluem os salários — o congelamento do Plano Collor II. Como acontece em congelamentos, as mudanças inerentes aos preços relativos são interrompidas, criando distorções. Certo de que a restauração da credibilidade do Governo é o desafio de Marcílio, Chacel entende que é preciso deixar claro à sociedade que a aceleração da inflação que deverá acontecer nos próximos meses — "não teremos explosão, mas índice crescente" — é fruto de correções que a nova equipe precisa fazer em função do último congelamento:

— Um Ministro da Fazenda que sai deixa a inflação reprimida e o que entra faz inflação corretiva — diz Chacel, acrescentando que "o risco que existe agora é o de se aprofundar a descrença, ao se atribuir à nova equipe a responsabilidade pela aceleração da inflação".

De acordo com o trabalho enviado a Marcílio, são grandes os desvios de preços. Tomando como base o aumento médio dos produtos na indústria, revelados pelo Índice de Preços por Atacado (IPA), entre fevereiro e abril,

constata-se que os produtos agrícolas, por exemplo, subiram 51,28% acima do que os industriais. Enquanto isso, setores como eletrodomésticos (-13%), tecidos e fios sintéticos (-15%), motores e geradores (-17%), entre outros, ficaram defasados em relação à média da indústria. Câmaras setoriais que desfaçam estas defasagens gradualmente e de forma não homogênea é a proposta de Chacel para a saída do congelamento:

— A experiência passada destas câmaras setoriais foi promover reajustes homogêneos, o que perpetua o desequilíbrio dos preços. Então será preciso modificar este procedimento e tratar de dar reajustes diferenciados. E mesmo assim, nos próximos meses, não vamos fugir da inflação corretiva.

Até porque, acredita o Diretor do Ibre, não existem mecanismos de política econômica, hoje, capazes de desatar o nó que une a necessidade de controlar a inflação e a retomada do crescimento. Nem mesmo a política monetária pode ser tão restritiva quanto pedem alguns, diz ele, já que — depois do bloqueio dos cruzados — não existe confiança nos títulos públicos.

— Daí a necessidade de recuperar a credibilidade — afirma Chacel, para quem não se pode nem afirmar hoje que o fundo do poço da economia já passou:

— Vai depender da capacidade desta nova equipe de transmitir confiança, porque a impressão que o público tem é que o País entrou em recessão para conter a inflação, mas que esta recessão não serviu para nada — diz ele, acrescentando que os atos indispensáveis para restaurar esta confiança e retomar o crescimento são a renegociação da dívida externa, a recuperação do crédito público e a simplificação do sistema tributário.

## Desvios em relação ao aumento médio

Partindo da pesquisa do Índice de Preços por Atacado (IPA), a Fundação Getúlio Vargas (FGV) fez um estudo dos desvios (defasagens) de alguns setores em relação ao aumento médio na indústria entre fevereiro e abril

SETOR	%
Motores e geradores	-17,83
Tecidos e fios sintéticos	-15,83
Eletrodomésticos	-15,37
Móveis	-13,62
Material de transporte	-13,06
Malharia	-12,74
Metais não ferrosos	-12,36
Material elétrico	-12,25
Máquinas/equipam industriais	-10,75
Vestuário (exc. malha)	-10,48
Móveis de aço	-10,41
Ferro, aço e derivados	-9,54
Café e estimulantes	-8,31
Veículos a motor	-6,62
Bebidas alcoólicas	-5,76
Calçados	-4,35
Tecidos e fios naturais	-1,6
Tintas e vernizes	+ 1,11
Máquinas agrícolas	+ 1,16
Leite e derivados	+ 2,46
Matérias plásticas	+ 3,76
Couros e peles	+ 4,34
Óleos e gorduras	+ 9,85
Farinhas e derivados	+ 12,05
Combustíveis e lubrificantes	+ 16,4
Borracha	+ 18
Carnes e pescados	+ 19,34
Bebidas não alcoólicas	+ 19,46
Madeira	+ 19,9
Açúcar	+ 30
produtos de origem vegetal	+ 46,67
produtos agrícolas	+ 51,28

FONTE: FGV